

Opinião do GLOBO

Persistência do analfabetismo envergonha Brasil

Meta de erradicar chaga neste ano não será cumprida — segundo o IBGE, há 9,3 milhões de analfabetos

É desalentador que o Brasil ainda tenha 9,3 milhões de analfabetos, total apontado para 2023 pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE. Embora isso represente apenas 5,4% da população brasileira, é gente demais — o número supera a população de Pernambuco (9 milhões). A persistência do analfabetismo mostra que sucessivos governos têm falhado na missão essencial de fornecer educação básica.

É verdade que a parcela de analfabetos tem caído, mas muito lentamente. Em 2022, os brasileiros que não sabiam ler ou escrever representavam 5,6% da população. O ritmo de queda é evidente, que o Brasil não cumprirá a meta traçada no Plano Nacional de Educação (PNE) de erradicar o analfabetismo até o final deste ano. Faltam recursos, gestão eficiente e campanhas de incentivo para levar os adultos à sala de aula.

A pesquisa do IBGE mostra que 90% dos analfabetos (8,3 milhões) são adultos com mais de 40 anos, sinal de que os esforços das últimas décadas junto a crianças e adolescentes têm tido efeito. Na faixa de 15 a 17 anos,

o analfabetismo é de apenas 0,05%. "A concentração de analfabetos na população com mais idade tem relação com as melhorias da educação básica no país", afirma Adriana Beringuy, coordenadora da pesquisa.

As estatísticas expõem também a disparidade regional. O analfabetismo no Nordeste (11,2%) é quase o quádruplo do verificado no Sul (2,8%) e no Sudeste (2,9%). Não deveria ser difícil para o Ministério da Educação, em conjunto com estados e municípios, combater um problema localizado.

Os números refletem a ineficiência — ou, no mínimo, insuficiência — das políticas públicas para Educação de Jovens e Adultos (EJA), destinadas a quem não cursou estudos fundamentais ou médio. Infelizmente, nos últimos anos, os governos não têm dado a atenção necessária a elas. Em 2014, foram destinados R\$ 820 milhões à EJA. Em 2023, os recursos alcançaram o menor patamar, apenas R\$ 5 milhões.

A educação brasileira já tem problemas demais para ter de enfrentar questões tão básicas, já superadas na maioria dos países emergentes. No Brasil, mesmo alunos considerados alfabetizados encontram obstáculos para ler e escrever.

Uma pesquisa encomendada por Itaú Social, Fundação Lemann e BID em 2022 constatou que, na fase de alfabetização, 40% das crianças enfrentam dificuldades. De acordo com os pais, 10% estão bem abaixo do esperado para leitura e escrita, parcela que sobe para 24% nas áreas vulneráveis.

Todos os brasileiros, independentemente da idade, deveriam ter acesso à educação. O analfabetismo segrega o cidadão. Quem não sabe ler ou escrever vive apartado do mundo. Não é incomum encontrar adultos analfabetos que nunca saíram da comunidade em que moram porque não conseguem identificar o número ou o destino dos ônibus e temem se perder. Vivem um isolamento forçado. No mercado de trabalho, são constantemente marginalizados. As redes sociais por onde tudo circula não existem para eles. O mínimo que o Estado pode lhes oferecer é a oportunidade de estudar, não importando a idade. Mas não basta abrir as portas da escola. É preciso incentivar a frequência à sala de aula, mostrando o mundo que se abre para quem sabe ler e escrever. Não se trata apenas de educação. Trata-se sobretudo de dignidade.

Acordo do Mercosul com países europeus fora da UE é promissor

Negociação com bloco formado por Liechtenstein, Noruega, Islândia e Suíça deveria ser retomada em abril

A longa tradição brasileira de se fechar ao exterior costuma retardar a negociação de acordos comerciais. Quando há protecionismo dos dois lados da mesa, as conversas se alongam. É o caso do acordo do Mercosul com a União Europeia (UE), há mais de 20 anos para ser fechado em definitivo. A visita recente do presidente francês Emmanuel Macron ao Brasil poderia ter desanuviado um pouco o clima, mesmo assim ele manteve a resistência ao tratado.

O bloco formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai assinou até agora poucos acordos comerciais: com Israel em 2007, Egito em 2010, Palestina em 2011 e Cingapura no final do ano passado. Nesse quadro tímido de abertura para comércio, é promissor a retomada das negociações com a Associação Europeia de Livre-Comércio (Efta), formada por Suíça, Noruega, Islândia e Liechtenstein — países que não fazem parte da UE.

A Efta decidiu esperar o desfecho das negociações entre Mercosul e UE,

mas, como não há previsão para que as duas partes se entendam, os quatro países informaram estar dispostos a voltar a conversar. Foi agendada para abril uma reunião em Buenos Aires.

O Mercosul precisa aproveitar a retomada dessas negociações. Houve um primeiro entendimento com a Efta em 2019, pouco depois do acordo preliminar com a UE. Mas as pressões de agricultores europeus — sobretudo franceses — e o desalojo do governo Jair Bolsonaro com o meio ambiente praticamente congelaram a aproximação não apenas com a UE. Também com a Efta.

Da mesma forma que a UE, a Efta considerava a política ambiental bolivariana um obstáculo ao tratado comercial.

As maiores resistências partiam da Noruega, cuja primeira-ministra, Erna Solberg, afirmou em agosto de 2019 que um acordo com o Mercosul chegaria em "pessimismo momento".

A Noruega suspendeu doações a projetos do Fundo Amazônia.

No fim do ano passado, Macron classificou de "antiquado" o acordo preliminar entre UE e Mercosul e, pouco

depois, confirmou que os europeus não dariam seu aval a ele. Na visita ao Brasil, repetiu sua posição contrária. Outro fator dificultou o avanço do acordo. A eleição para o Parlamento Europeu, marcada para junho, deverá levar a mudanças na alta burocracia da UE em Bruxelas. Para os eurocratas, 2024 é um ano pouco indicado para importantes negociações comerciais.

No caso da Efta, os obstáculos são menores. O Ministério da Fazenda calculou que um acordo contribuiria com US\$ 5,2 bilhões para o PIB brasileiro em 15 anos. Outra vantagem está na simplicidade, em comparação com a UE. Em vez de precisar do aval da Comissão Europeia, do Parlamento Europeu e dos legislativos de 27 países, tanto Mercosul como Efta exigem apenas a ratificação dos respectivos Parlaentos.

Na Suíça há a necessidade de referendos. Nada, porém, que inviabilize o acordo ou os benefícios das trocas comerciais. Diante da demora e da hesitação da UE, uma conclusão rápida das conversas será retomada em abril como Efta seria muito bem-vinda.

Artigos

opinioes.globo.com/coluna/fernando-gabeira

FERNANDO GABEIRA

Imagem: Agência Brasil/Contraste

1964, o passado já passou?

Acordei bem cedo para ir à Cinelândia, no Centro do Rio. Quería o silêncio e a luz da manhã para gravar sobre 1964. Confesso que, ao ligar a câmera, me veio à cabeça um poema de Mário Quintana: "Quando se vê, já são 60 horas! Quando se vê, já é sexta-feira!" Quando se vê, passaram 60 anos.

Meus suspiros eram secundários diante do fato histórico e do próprio lugar. Escolhi a Cinelândia, porque estava lá no dia do golpe, mas também porque ouvimos vinhos do Clube Naval, sabia que o ardeio Mayrink Veiga resistia ali perto, e desse lugar partiam também os amigos que foram buscar as armas prometidas, e jamais entregues, pelo Almirante Aragão.

Mais tarde, da Cinelândia, se podia ver a multidão com rosários, marchando com Deus, pela família e propriedade. A sorte estava lançada.

Na Cinelândia aconteceram grandes manifestações de resistência, inclusive a Passeata dos Cem Mil, que levou as ruas artísticas como Clarice Lispector, a admirável escritora intimista que não se enquadrou no gênero engajado, tão em moda na época.

As coisas sempre começavam na Candelária e terminavam na Cinelândia, mesmo depois do fim da ditadura. Para abrigar tanta gente, o Comitê das Diretas foi na Candelária. Na verdade, esse trecho da Avenida Rio Branco, da Candelária à Cinelândia, foi o palco mais completo de grande parte de nossa História.

Leitinho me daquele período como um tempo marcado pela Guerra Fria. No entanto, com tantas assembleias, debates, manifestações, era um tempo de presença. Sentíamos o cheiro e o calor do outro, daí a grande dor pelos que morreram ao longo dessas décadas.

Hoje, somos imagens luminosas numa tela. Nossa carne e sangue transfiguraram-se em bytes; daqui a pouco seremos substituídos por uma réplica que falará como nós. Aquela multidão com rosários disposta a dar o seu pelo bem do Brasil se transformou, foi para a porta dos quartéis, invadiu os prédios dos três Poderes em 8 de janeiro de 2023. Mas as Forças Armadas se recusaram a aderir a uma aventura golpista.

A internet lançou milhões de novos atores na cena política. A agressividade aumentou, brigam as correntes umas contra as outras, brigam contra quem não quer brigar, brigam contra quem briga mais levemente.

Análises políticas mais elaboradas são uma atividade de risco. Apanha-se de todo lado. Mas, felizmente, a descoberta do Brasil, com seus recursos naturais, é uma conquista relativamente nova, dos tempos de crise econômica.

Não voltamos a 1964, dificilmente voltaremos. Apesar do tom sombrio dos debates, do tsunami de fake news, do crescimento da extrema-direita, de governos autoritários ao redor do mundo, da própria hipótese da ruína da democracia americana, da volta do Trump, tudo isso não responde às necessidades de uma época ameaçada pela destruição ambiental e pela desigualdade de renda.

O fato de não voltarmos, creio eu, nos ajuda a lembrar 1964. E isso não tem nada a ver com radicalismo. É possível revisitar uma época e usá-la para avançar o diálogo no presente.

A Guerra Fria acabou, mas os corações, principalmente os fígados, não abandonam o estado bélico. Novos temas entraram em cena para inflamar os ânimos: a imigração no Norte, a violência urbana e corrupção em países do Sul.

Não há nada, no entanto, que não possa ser discutido e resolvido num clima de paz e liberdade. Aliás, esse é o fundamento de nossa política externa, é o traço singular da visão brasileira do mundo.

Precisamos ser o que crescemos que somos. Nossa habilidade em pacificar conflitos pelo mundo vai por água abaixo se não demonstrarmos aqui o que prega a sabedoria mineira: as ideias brigam, as pessoas não.

GRUPO GLOBO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Moreira
VICE-PRESIDENTES: João Roberto Moreira e Roberto Moreira, Moreira

O GLOBO
publicado pela Editora Globo Ltda.

DIRETOR GERAL: Frederico Zupiani Kozlowski
DIRETOR DE REDAÇÃO: EDUARDO REIS (MAGALHÃES) e José Carlos
EDITORES: LUIZ FLORES, Lúcia Saraiva (Coordenadora),
Camargo Neto, José Carlos de Fátima Barreto, Lúcia Saraiva
e Paulo Costa Pereira

EDITOR DE CONTEÚDO: Aguiar Calheiros
EDITOR DE CONTEÚDO: João Roberto Moreira
EDITOR DE CONTEÚDO: João Roberto Moreira
Rua Marquês de Pombal, 23 - Castelo Branco - Rio de Janeiro, RJ
CEP: 20251-900 - Tel: (21) 2534-1000 Fax: (21) 2534-1020

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://globo.br/pr_edit

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires

EDITORES
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires
Edição: Thiago Pires, Thiago Pires, Thiago Pires